

# BOLETIM

---

# GEOCORRENTE

ANO 5 • Nº 107 • 28 DE NOVEMBRO DE 2019

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Ademais, algumas edições contam com a seção "Temas Especiais".

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

#### NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 350 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

#### CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.

Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca - CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil

TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do BOLETIM GEOCORRENTE poderão ser encontrados na home page da EGN:

[https://www.marinha.mil.br/egn/boletim\\_geocorrente](https://www.marinha.mil.br/egn/boletim_geocorrente)



**DIRETOR DA ESCOLA DE GUERRA NAVAL**

EDGAR LUIZ SIQUEIRA BARBOSA

**SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS  
GRADUAÇÃO DA ESCOLA DE GUERRA NAVAL**

MARCIO MAGNO DE FARIAS FRANCO E SILVA

**CONSELHO EDITORIAL**

**EDITOR RESPONSÁVEL**

LEONARDO FARIA DE MATTOS (EGN)

**EDITOR CIENTÍFICO**

FRANCISCO EDUARDO ALVES DE ALMEIDA (EGN)

**EDITORES ADJUNTOS**

JANSEN COLI CALIL NASCIMENTO ALMEIDA DE OLIVEIRA (EGN)

JÉSSICA GERMANO DE LIMA SILVA (EGN)

NOELE DE FREITAS PEIGO (FACAMP)

PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (UFRJ)

---

**PEQUISADORES DO NÚCLEO DE AVALIAÇÃO DA CONJUNTURA**

**ÁFRICA SUBSAARIANA**

DAVID SEVERO PEREIRA FRANÇA PINTO (UERJ)

FRANCO NAPOLEÃO AGUIAR DE ALENCASTRO GUIMARÃES (PUC-RIO)

ISADORA JACQUES DE JESUS (UFRJ)

JOÃO VICTOR MARQUES CARDOSO (UNIRIO)

VIVIAN DE MATTOS MARCIANO (UFRJ)

**AMÉRICA DO SUL**

ADRIANA ESCOSTEGUY MEDRONHO (EHESS)

BEATRIZ MENDES GARCIA FERREIRA (UFRJ)

CARLOS HENRIQUE FERREIRA DA SILVA JÚNIOR (UFRJ)

GABRIELA DE ASSUMPÇÃO NOGUEIRA (UFRJ)

JOÃO FELIPE DE ALMEIDA FERRAZ (UFRJ)

PEDRO EMILIANO KILSON FERREIRA (UNIVERSIDADE DE SANTIAGO)

**AMÉRICA DO NORTE E CENTRAL**

ANA CLÁUDIA FERREIRA DA SILVA (UFRJ)

CAROLINA CÔRTEZ GÓIS (PUC-RIO)

JÉSSICA PIRES BARBOSA BARRETO (EGN)

VICTOR CABRAL RIBEIRO (UFRJ)

VICTOR EDUARDO KALIL GASPAR FILHO (EGN)

**ÁRTICO & ANTÁRTICA**

ANA CAROLINA FERREIRA LAHR (EGN)

GABRIELE MARINA MOLINA HERNANDEZ (UFF)

LAILA NEVES LORENZON (UFRJ)

PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (UFRJ)

RAPHAELLA DA SILVA DIAS COSTA (UFRJ)

**EUROPA**

ARIANE DINALLI FRANCISCO (UNIVERSITÄT OSNABRÜCK)

DANIEL SANTOS KOSINSKI (UFRJ)

DOMINIQUE MARQUES DE SOUZA (UFRJ)

GLAYCE KEROLIN RODRIGUES MAXIMIANO (UFRJ)

MATHEUS SOUZA GALVES MENDES (EGN)

MELISSA ROSSI (SUFFOLK UNIVERSITY)

NATHÁLIA SOARES DE LIMA DO VALE (UERJ)

THAÏS ABYGAËLLE DEDEO (UNIVERSITÉ DE PARIS 3)

**LESTE ASIÁTICO**

ELY PEREIRA DA SILVA JÚNIOR (UERJ)

JOÃO PEDRO RIBEIRO GRILO CUQUEJO (IBMEC)

MARCELLE TORRES ALVES OKUNO (IBMEC)

PHILIPPE ALEXANDRE JUNQUEIRA (UERJ)

RODRIGO ABREU DE BARCELLOS RIBEIRO (UFRJ)

VINÍCIUS GUIMARÃES REIS GONÇALVES (UFRJ)

**ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA**

ANA LUIZA COLARES CARNEIRO (UFRJ)

ANDRÉ FIGUEIREDO NUNES (ECEME)

PEDRO DA SILVA ALBIT PENEDO (UFRJ)

SHAKILA DE SOUSA AHMAD (UFRJ)

TAYNARA RODRIGUES CUSTÓDIO (EGN)

**RÚSSIA & Ex-URSS**

JOSÉ GABRIEL DE MELO PIRES (UFRJ)

LUIZA GOMES GUITARRARI (UFRJ)

PEDRO MENDES MARTINS (ECEME)

PÉRSIO GLÓRIA DE PAULA (UFF)

**SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA**

MATHEUS BRUNO FERREIRA ALVES PEREIRA (UFRJ)

THAYNÁ FERNANDES ALVES RIBEIRO (UFF)

VINÍCIUS DE ALMEIDA COSTA (EGN)

**SUL DA ÁSIA**

JOÃO MIGUEL VILLAS-BOAS BARCELLOS (UFRJ)

MARINA SOARES CORRÊA (UFRJ)

REBECA VITÓRIA ALVES LEITE (EGN)

**TEMAS ESPECIAIS**

ALESSANDRA DANTAS BRITO (EGN)

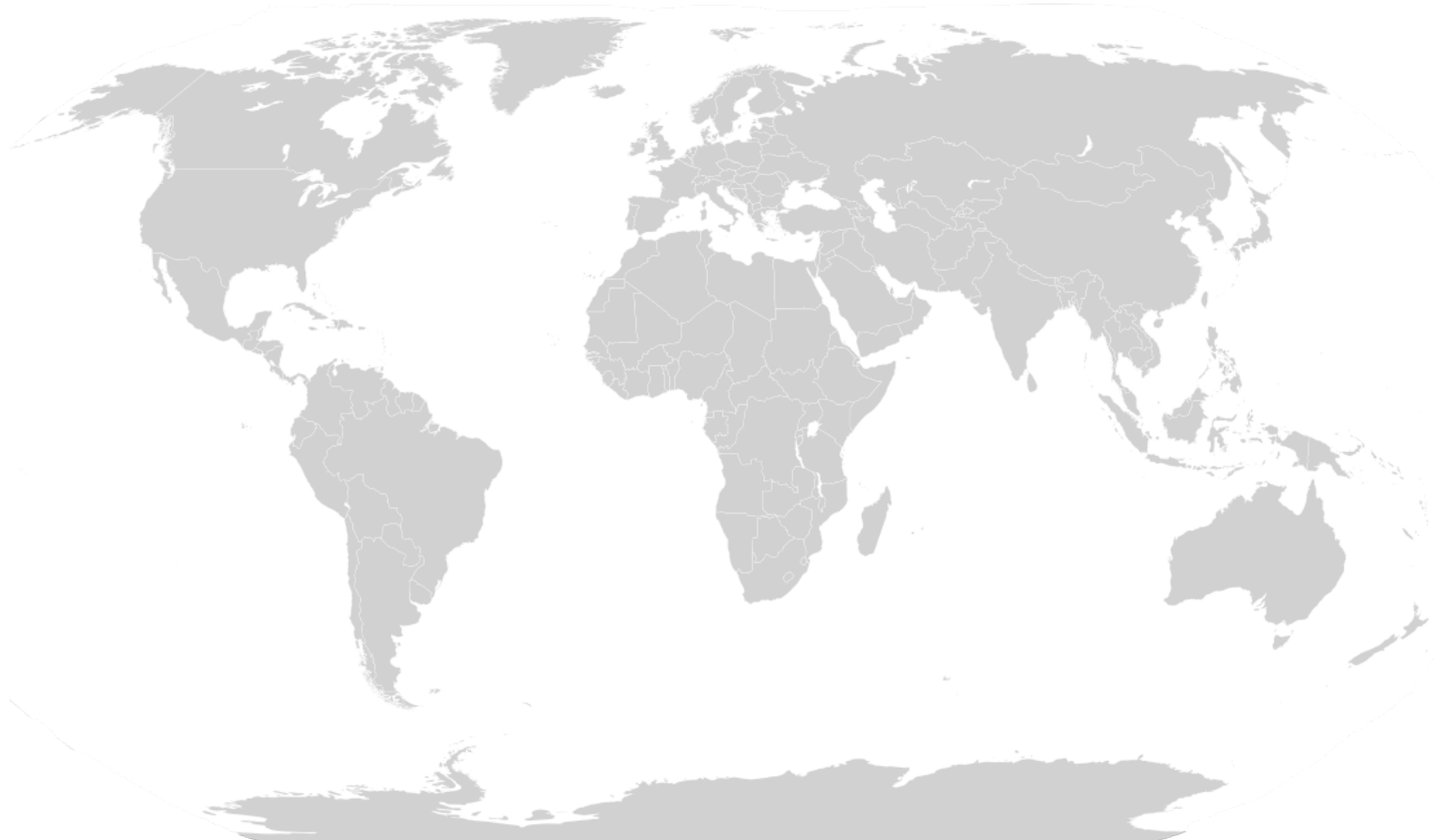
BEATRIZ VICTÓRIA ALBUQUERQUE DA SILVA RAMOS (EGN)

LOUISE MARIE HUREL SILVA DIAS (LONDON SCHOOL OF ECONOMICS)

# ÍNDICE

<b>AMÉRICA DO SUL</b>	<b>LESTE ASIÁTICO</b>
Cenário de crise boliviana: reorientações na política internacional regional..... 4	Economia e Defesa na administração de Shinzo Abe ..... 9
<b>AMÉRICA DO NORTE &amp; CENTRAL</b>	Os significados de uma passagem ..... 9
Base militar Palmerola: o principal motivo do apoio norte-americano ao governo de JOH ..... 4	<b>SUL DA ÁSIA</b>
<b>ÁFRICA SUBSAARIANA</b>	Encontro Modi-Xi e a geopolítica do terceiro polo..... 10
Impasse investidor-Estado pode sufocar as finanças e os projetos energéticos na Nigéria ..... 5	<b>SUDESTE ASIÁTICO &amp; OCEANIA</b>
A OTAN, a China e o duelo pela África ..... 6	14º East Asia Summit: EUA permanece distante e países asiáticos estreitam seus laços ..... 11
<b>EUROPA</b>	<b>ÁRTICO &amp; ANTÁRTICA</b>
A queda de braço pelo Nord Stream II ..... 6	Maior operação submarina russa desde a Guerra Fria desafia a OTAN no Ártico 11
<b>ORIENTE MÉDIO &amp; NORTE DA ÁFRICA</b>	<b>TEMAS ESPECIAIS</b>
Apreensões de embarcações no Mar Vermelho e a guerra civil no Iêmen ..... 7	Fronteiras no Ciberespaço: soberania cibernética à lá Rússia? ..... 12
Escalada de tensão e presença russa na Líbia levantam preocupação dos EUA ..... 8	Os reflexos no comércio marítimo global das tensões comerciais entre EUA e China ..... 13
<b>RÚSSIA &amp; Ex-URSS</b>	Artigos Seleccionados & Notícias de Defesa..... 13
Fórum Econômico Rússia-África: aprofundando relações ..... 8	Calendário Geocorrente..... 13
	Referências..... 14

## REGIÕES ABORDADAS NESTA EDIÇÃO



Clique no círculo para ser redirecionado ao texto relacionado

## Cenário de crise boliviana: reorientações na política internacional regional

Pedro Kilson

Os conflitos políticos que marcam o cenário boliviano representam a maior instabilidade da história recente do país, num horizonte de incertezas que assolam a América Latina. O resultado das eleições presidenciais de 20 de outubro de 2019 — das quais Evo Morales sai reeleito para um quarto mandato consecutivo, em primeiro turno —, intensificou a polarização política, causando um aumento da violência. Os diversos setores da oposição reivindicavam a recontagem dos votos, bem como a renúncia do mandatário e a convocação de novas eleições, sem sua participação. Os questionamentos se iniciaram após uma interrupção na apuração dos votos, desdobrando-se na presença da Organização dos Estados Americanos (OEA) para observação.

Os protestos atingiram um grau de sublevação civil, escapando do controle das forças de segurança. Neste sentido, Morales reconheceu o parecer da OEA — que apontava para irregularidades — e optou por um novo sufrágio. Entretanto, na segunda-feira, 11 de novembro, após ser pressionado pelas Forças Armadas para que renunciasse, o ex-mandatário deixou o solo boliviano em direção ao México, sob a condição de asilo político. No dia seguinte, Jeanine Áñez, opositora, assumiu como

presidenta interina e implementou como prioridade o estabelecimento de novas eleições. No entanto, embora a aprovação de um novo processo eleitoral pelo Senado possa apaziguar a crise, a ascensão da oposição representa a possibilidade de desenvolvimento de novas fissuras políticas, uma vez que está em curso não somente a ruptura das relações diplomáticas com a Venezuela, mas também a condução, por parte do governo e da *Fiscalía General*, de uma demanda judicial contra Morales na Corte Internacional de Justiça (CIJ), embasada em alegações de terrorismo e sedição.

As manifestações no país reduziram, mas não cessaram por completo, uma vez que apoiadores do ex-presidente ainda protestam, alegando que houve um golpe de Estado. No âmbito da política internacional, menciona-se um relativo desgaste entre o presidente mexicano, Lopez Obrador, e o governo interino boliviano, em torno à questão do asilo concedido a Morales, e com o novo governo da Argentina, que toma posse em dezembro e tem manifestado um relativo apoio ao ex-presidente. As novas eleições foram confirmadas para abril e, até lá, afirmar algo sobre o futuro político do país será apenas especulação.

## AMÉRICA DO NORTE &amp; CENTRAL

## Base militar Palmerola: o principal motivo do apoio norte-americano ao governo de JOH

Ana Cláudia Ferreira

As relações entre Honduras e Estados Unidos se normalizaram em 2010, após a retirada de Manuel Zelaya da presidência. Contudo, Honduras enfrenta uma nova situação de relativa instabilidade, resultada pela condenação do político Juan Antonio "Tony" Hernández, irmão do presidente Juan Orlando Hernández (JOH), pelo tribunal de Nova York, em outubro de 2019. O político foi condenado por envolvimento com o tráfico de drogas e armas de Honduras para os EUA. Os promotores alegaram que a conspiração foi protegida por JOH, visto que ele teria se beneficiado de US\$ 1,5 milhão de propina do tráfico para financiar sua campanha presidencial de 2013, em troca de proteção aos traficantes. Esse argumento foi reforçado com o depoimento do traficante mexicano Joaquín "El Chapo" Guzmán, que afirmou ter entregue, pessoalmente, US\$ 1 milhão a Tony para repassar ao presidente hondurenho. A problemática se agravou com grandes protestos antigovernamentais em todo país. Porém, mesmo com o processo judiciário, o governo do presidente Trump continua a apoiar Hernández.

Alguns analistas avaliam que o interesse dos EUA é pela base aérea de Soto Cano, popularmente conhecida como base aérea *Palmerola*, localizada ao sul de Honduras. Por definição, trata-se de uma base militar

hondurenha utilizada pela *Joint Task Force Bravo*, do Comando Sul das Forças Armadas dos Estados Unidos, como ponto de partida para o combate ao narcotráfico e ajudas humanitárias na América Latina, e onde as forças armadas hondurenhas treinam em conjunto com os militares dos EUA. Porém, é conhecida como a maior base militar dos EUA na América Latina, onde servem cerca de 600 militares norte-americanos, do Exército e da Força Aérea, que permanecem em missão de seis meses a um ano.

A base *Palmerola* possui uma localização estratégica de alcance a toda a América Latina. No caso de uma mudança de governo e o candidato opositor, Salvador Nasralla, assuma o poder, a influência norte-americana estaria em risco. Nasralla, nas eleições de 2017, declarou ser contra a presença norte-americana em Honduras, argumentando que ela endossa a "corrupção" de JOH e compromete a soberania do país.

Outro dado que não pode ser esquecido é que Honduras é um dos poucos países do mundo que reconhece Taiwan como Estado soberano, no lugar da República Popular da China. Uma mudança de governo poderia significar também uma mudança na política externa do país, o que seria outra derrota para os EUA.

**Impasse investidor-Estado pode sufocar as finanças e os projetos energéticos na Nigéria**

João Victor Marques Cardoso

Em 2010, a *Process and Industrial Developments* (P&ID) – registrada nas Ilhas Virgens Britânicas – e o governo da Nigéria assinaram o Acordo de Processamento e Oferta de Gás (GSPA, em inglês), com validade de vinte anos. Atribuía-se à P&ID a construção de uma planta de processamento de gás natural em Calabar e, em contrapartida, o governo garantiria a infraestrutura de gasodutos. Segundo o GSPA, 85% do gás processado seria destinado ao consumo doméstico sem custos ao governo, ampliando-se em 2.000 MW a atual capacidade instalada da rede elétrica (12.522 MW), em troca da propriedade e do direito de comercializar o restante com o mercado externo.

Todavia, a alegada quebra de contrato fez com que a P&ID encaminhasse o caso a um tribunal de arbitragem, em Londres, que, em 2015, responsabilizou o Estado e, com efeito, ordenou o pagamento de US\$ 6,6 bilhões – equivalente aos lucros esperados pela companhia em vinte anos. Desde então, os juros elevaram a dívida a US\$ 9,6 bilhões neste ano (mais de 20% das reservas estrangeiras do país), arriscando-se a tomada de ativos nigerianos no Reino Unido. Por sua vez, a Nigéria alega uma suposta conspiração e busca recurso, argumentando que a construção da planta jamais se iniciou e que a

compensação só poderia equivaler aos três anos de vigência do GSPA.

Embora apresente maior peso financeiro e midiático, não se trata da única arbitragem contra o país africano, como por exemplo, no caso da *joint venture* para exploração e produção de petróleo com companhias estadunidenses, em curso no Centro Internacional para a Arbitragem de Disputas sobre Investimentos, do Banco Mundial. E com acordo de construção e operação da hidrelétrica de Mambilla (3.050 MW) com a *Sunrise Power*, na Câmara Internacional de Comércio, em Paris.

Diante disso, duas reflexões complementares merecem destaque. Primeiro, o regime internacional de investimentos, voltado para a proteção de multinacionais via “cláusula investidor-Estado”. Permite-se acionar Estados em tribunais de arbitragem – localizados nos grandes centros financeiros –, caso as expectativas de lucros futuros do investidor sejam frustradas por determinada legislação/política pública/condição de investimento, inflamando a fuga de investidores e a desigualdade entre corporações e países periféricos. Segundo, a lacuna de oferta de energia na Nigéria, onde 40% da população não têm acesso à eletricidade e os projetos estruturantes não se desenvolvem.



## A OTAN, a China e o duelo pela África

Franco Alencastro

Em 04 de novembro de 2019, representantes da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e da União Africana (UA) celebraram um acordo de cooperação. O dito acordo foi assinado ao término do Simpósio OTAN-UA, que ocorreu em Nápoles, cidade italiana, ao longo de dois dias, e serve como quadro para futuras iniciativas de aproximação entre os dois blocos.

Atualmente, as iniciativas de cooperação entre as duas partes são numerosas. A OTAN fornece apoio logístico para os combatentes da UA na Missão da União Africana para a Somália (AMISOM) e mantém um escritório junto da sede da UA, em Addis Abeba, capital da Etiópia. Embora ainda não esteja claro o significado prático deste acordo de cooperação, pode-se supor que este levará a um maior envolvimento da OTAN nos desafios de segurança internos ao continente africano. Esta tendência já foi verificada na política externa para a África de países-chave da organização, como os Estados Unidos da América e a França. Deve ser ampliado, dessa forma, o apoio militar da OTAN à UA no combate a grupos extremistas como o Al Shabaab e a Al Qaeda no

Magreb Islâmico (AQMI).

Este acordo deve ser analisado à luz de iniciativas paralelas oriundas de rivais da organização. A China recentemente modificou sua estratégia para a África, ampliando sua cooperação com os países do continente dos temas econômicos e comerciais para a segurança. Desse modo, a atuação da OTAN visa ampliar sua parceria com a União Africana, de maneira a preservar na África a influência dos países integrantes da organização, muitos dos quais são antigas metrópoles coloniais. Essa abordagem se distingue da adotada pela China, interestatal, ao privilegiar o diálogo entre instituições multilaterais. Esta via não é acidental: o arcabouço de segurança coletiva da UA foi prejudicado em anos recentes pela saída dos combatentes etíopes da AMISOM. O apoio da OTAN à essas iniciativas representa um aumento concreto da influência euroamericana sobre o continente africano, e um contraponto à crescente influência chinesa. Assim, o continente africano tende a ser, mais uma vez, área de disputas geopolíticas entre atores extraregionais.

## EUROPA

### A queda de braço pelo Nord Stream II

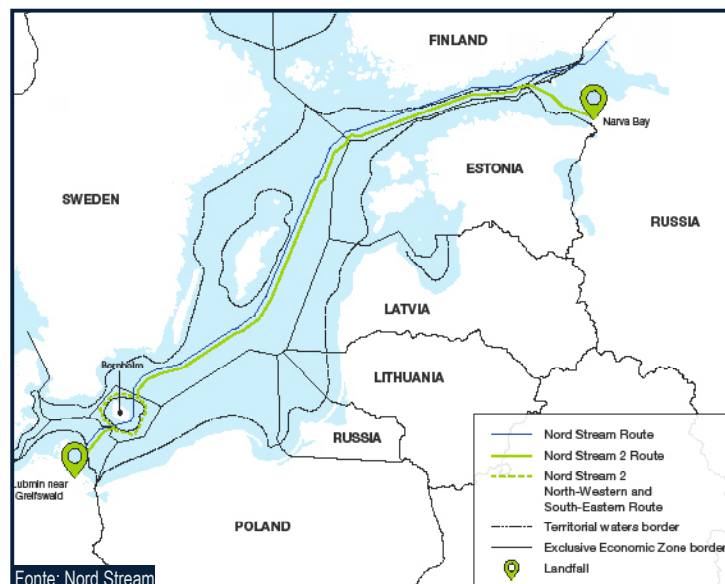
Ariane Francisco

No dia 30 de outubro de 2019, a Dinamarca aprovou a travessia do *Nord Stream II* pelo seu território submarino, ultrapassando o último obstáculo formal de autorização técnica dos países atravessados pelo gasoduto. Com mais de 80% do projeto completo, o mesmo está previsto para entrar em funcionamento no início de 2020, ligando os campos de gás natural russos à Alemanha pelo Báltico e passando pela Finlândia, Suécia e Dinamarca (Boletim 88). Desde o lançamento do projeto, em 2015, pelo presidente da Rússia, Vladimir Putin, em conjunto com a Alemanha, a iniciativa enfrenta críticas e tentativas de suspensão, principalmente pelos Estados Unidos e países da Europa Central e do Leste.

Os motivos são tanto econômicos quanto geopolíticos. Enquanto a Alemanha defende seus intuítos comerciais e o fato de que a linha direta traria maior segurança energética ao país, o projeto tem sido considerado uma “arma geopolítica” por outros países: ele diminui a necessidade da presença da *Gazprom* (empresa estatal russa que lidera o consórcio do projeto *Nord Stream*) na Ucrânia, onde a Rússia enfrenta constantes disputas e interrupções de abastecimento, abrindo caminho para ações que potencialmente trariam maior instabilidade para o país.

De acordo com um relatório do *Atlantic Council*, a Rússia é responsável por um terço do abastecimento de

gás natural da Europa e o faz por três gasodutos: *Nord Stream I*; um que passa por Polônia e Bielorrússia; e um outro passando pela Ucrânia e Eslováquia. O *Nord Stream II* substituiria os últimos dois, fazendo os quatro países perderem a arrecadação das “taxas de travessia” que a *Gazprom* atualmente paga aos países. Há a previsão de que o continente passe a utilizar cada vez mais o gás natural, uma vez que os países europeus tem começado a substituir a energia nuclear e a termoeletrica à carvão. A conclusão do projeto *Nord Stream II* aumenta >>>



consideravelmente a dependência europeia do gás natural russo.

É dessa dependência energética que vem a preocupação norte-americana e uma proposta encaminhada ao Senado que imporia diversas sanções às empresas envolvidas no

projeto. No momento, apesar do apoio de Trump à nova legislação, nomeada *Protect European Energy Security Act*, tanto americanos quanto europeus contrários ao projeto correm contra o tempo para deter a conclusão do gasoduto russo.

## ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

### Apreensões de embarcações no Mar Vermelho e a guerra civil no Iêmen

Ana Luiza Colares

No dia 17 de novembro de 2019 foram apreendidas na costa do Iêmen três embarcações, sendo duas de bandeira sul-coreana e uma saudita, por rebeldes iemenitas houthis. No país, as autoridades da Arábia Saudita lideram uma coalizão apoiada por países ocidentais – como Estados Unidos e Reino Unido – contra os rebeldes, grupo protagonista na guerra civil, que se iniciou em 2014.

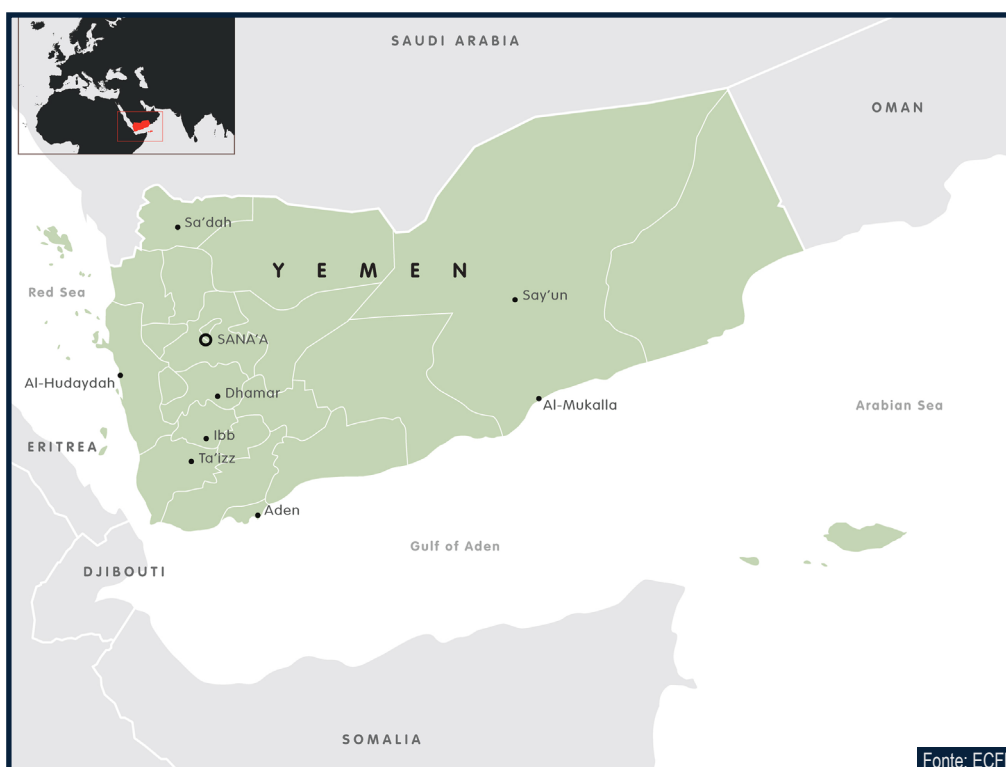
As embarcações alegaram que adentraram as águas territoriais do Iêmen devido às condições climáticas. Dentre as apreensões estão dois rebocadores, *Woongjin T-110* e *Rabigh-3*, que transportavam a terceira embarcação, a draga *Woongjin G-16*, utilizada para escavar material abaixo do nível da água. Após dois dias de negociações, no dia 19 de novembro, foram liberadas as três embarcações, bem como os 16 tripulantes.

A guerra civil iemenita é considerada pelas Nações Unidas uma das maiores crises humanitárias mundiais da atualidade. Os acontecimentos fundamentais para compreender tal crise são, além das ofensivas militares entre os houthis e a coalizão, a contaminação por doenças e a problemática da fome. De acordo com o porta-voz do Ministério da Saúde do Iêmen, foram confirmadas mais de 50 mortes ocasionadas pela malária e dengue neste

ano, além de quase 30 mil indivíduos com suspeita de contaminação, devido à escassez de serviços sanitários. Em paralelo, aproximadamente 2 milhões de crianças apresentam quadro de desnutrição aguda e 15 milhões de indivíduos dependem de ajuda humanitária, segundo dados da ONU. Desde setembro, ambas as partes envolvidas no conflito têm participado de rodadas de negociações indiretas em Omã, país vizinho. Logo, os embates cessaram temporariamente, fator que permitiu a entrada de tropas humanitárias e suprimentos no país pelo porto de Hodeidah.

O Iêmen localiza-se na principal rota marítima entre Europa e Ásia, onde ocorrem trocas comerciais diárias, região de grande importância geopolítica. Hoje, é palco de uma guerra por procuração entre Arábia Saudita e Irã, inimigos regionais, em que os sauditas apoiam o governo iemenita e os iranianos apoiam a força opositora ao governo, os rebeldes houthis.

Enquanto a guerra segue em curso, espera-se um posicionamento mais rigoroso das potências ocidentais quanto ao apoio à coalizão saudita, que já provocou mais de 100 mil mortes e 3 milhões de deslocados internos desde 2014.



## Escalada de tensão e presença russa na Líbia levantam preocupação dos EUA

Pedro Albit

A guerra civil na Líbia, que há cerca de cinco anos marca a disputa de poder entre o Governo do Acordo Nacional (GNA) e o Exército Nacional Líbio (LNA), vem ganhando nova escalada de tensão com a entrada de novos atores.

Após o LNA, chefiado pelo marechal Khalifa Haftar, atacar a capital Trípoli em abril de 2019, e em novembro, a ONU anunciar que Turquia, Jordânia, Sudão e Emirados Árabes Unidos violaram o embargo ao enviar armas e tropas para o país, o conflito sofreu uma nova escalada. No dia 19 de novembro de 2019, o exército de Haftar bombardeou a cidade portuária de Misrata, mirando em blindados turcos e um depósito de munições. O porto de Misrata, localizado em Qasr Ahmad, é uma das principais vias de comércio marítimo da Líbia e do norte da África.

No meio desse conflito surge a Rússia, que vem expandindo sua influência no Oriente Médio e na África, além de apoiar o LNA no conflito. Após o envio de forças mercenárias russas à região, o presidente estadunidense Donald Trump pediu que Haftar cessasse os ataques e que a Rússia parasse de estimular o conflito. Posteriormente, o Congresso americano começou a preparar sanções aos

mercenários para limitar a capacidade russa de fazer guerras por procuração e, conseqüentemente, sua ação na Líbia. Entretanto, a queda de drones da Itália e dos EUA, nos dias 20 e 21 de novembro respectivamente, reforçam a tese da presença russa. Os drones foram abatidos após perderem contato, levantando suspeita de que essa tecnologia de interceptação de sinal tenha sido levada à Líbia pelos mercenários russos.

A Rússia busca se aproveitar do afastamento direto dos EUA no Oriente Médio e no Norte da África para consolidar sua influência na região e beneficiar-se de uma possível chegada definitiva de Haftar ao poder. Além disso, ao considerar o Mar Mediterrâneo, a presença russa torna-se também uma barreira entre esses países e o Ocidente. Por outro lado, sua reaproximação com a Líbia e forte presença na Síria levantam a possibilidade de uma mudança na política externa dos EUA que os traga de volta mais incisivamente ao tabuleiro do Oriente Médio. A Líbia possui a décima maior reserva de petróleo do mundo, e cerca de 85% dessa produção é exportada para a Europa, o que a torna uma zona de influência estratégica para as potências mundiais.

## RÚSSIA & Ex-URSS

### Fórum Econômico Rússia-África: aprofundando relações

José Gabriel Melo

Nos dias 23 e 24 de outubro, aconteceu o primeiro Fórum Econômico Rússia-África, em Sochi, às margens do Mar Negro. O evento reuniu representantes de todos os países africanos, dentre os quais 43 chefes de Estado, para tratar de uma agenda abrangente, que envolveu desde o intercâmbio acadêmico-científico à cooperação econômica e assistência humanitária. O setor que recebeu maior destaque foi o de defesa, principal área de comércio entre as partes e segunda maior fonte de receita do Estado russo.

Nas prospecções para os próximos 30 anos, o continente africano apresenta grande potencial de crescimento econômico e demográfico. Nesse sentido, há bastante espaço para expansão da presença russa no continente, que recebe apenas 3,7% das exportações russas. O Fórum representou uma grande iniciativa de Moscou para estimular as trocas comerciais, que giram em torno dos gêneros alimentícios, mineração e, principalmente, defesa, mas permanecem inexpressivas se comparadas com grandes atores na região, como China e Estados Unidos. Todavia, o volume de negócios cresceu desde 2014, com acordos de cooperação técnico-militar sendo assinados com 19 países. Nesse contexto,

o Egito é o principal parceiro, respondendo por 46% dos US\$ 12,6 bilhões exportados para o continente, além de possuir um contrato de US\$ 2 bilhões com a *Sukhoi* para a entrega de 20 caças Su-35, e contar com um empréstimo de US\$ 25 bilhões para a construção da sua primeira usina nuclear, em El Dabba, em um projeto da estatal russa *Rosatom*. Diante desse cenário, um dos principais propósitos do evento foi prospectar novos negócios e ampliar a gama de produtos comercializados entre a Rússia e os países africanos, principalmente nos setores energético e tecnológico, no que foi o maior investimento nas relações com o continente desde o fim da antiga União Soviética.

Um evento dessa magnitude dá indícios da importância que o continente vem retomando na agenda de política externa russa. Além do potencial benefício econômico, o evento também representou um avanço em direção ao posto de potência global que Moscou almeja reaver, projetando-se como um importante ator geopolítico com condições de contrapor a influência estadunidense e chinesa na região, cujos interesses devem ser considerados.

## Economia e Defesa na administração de Shinzo Abe

Vinícius Reis

No dia 20 de novembro de 2019, Shinzo Abe tornou-se o primeiro ministro mais longevo do Japão. Recapitulando sua trajetória política vemos como as reformas econômicas, cunhadas de *Abenomics*, a política de defesa, focada no contraponto à ascensão chinesa e a instabilidade nos territórios disputados foram as prioridades e políticas mais “polarizadoras”, do seu governo. Enquanto de um lado investimentos, como no porta-helicópteros da classe *Izumo 22DDH*, demonstram a crescente expansão do investimento nas Forças de Autodefesa (FAJ), com ênfase na Marinha que é fulcral no jogo geopolítico regional, as políticas econômicas de seu governo, incapazes de cumprir promessas de campanha, tem fracassado em diversos setores.

A *Abenomics* pode ser sintetizadas através das “três flechas”: facilitação ou flexibilização monetária, visando reverter o processo deflacionário via aumento do dinheiro em circulação; afrouxamento ou consolidação fiscal, feita através da expansão do gasto público (em um primeiro momento); e desregulamentação do mercado, principalmente via privatizações. Nos últimos anos de governo essas políticas foram incapazes de lidar, ou

ampliar, com os seguintes problemas: o aumento da lacuna entre ricos e pobres; a “bomba demográfica” japonesa, que faz com que a proporção de ativos e aposentados seja praticamente 1:1; barreiras à entrada de mulheres no mercado de trabalho; baixa lucratividade dos bancos e investidores; e nulidade das políticas migratórias.

A política de Defesa, que apresenta alguns momentos de choque no âmbito doméstico como a sensível questão da mudança do artigo 9º da Constituição, tem sido bem-sucedida ao retroalimentar a política externa de Abe, cujo principal objetivo é a projeção do Japão como um líder global. Enquanto pode se discutir alguns pontos, como o *gap* em relação a China ou a dependência dos Estados Unidos, fica claro que ela tem sido responsável por garantir o “voto de confiança” da população e da base política em relação a Abe. Porém a incapacidade de avançar na agenda econômica tem minado cada vez mais o governo, projetando cenários futuros de maior instabilidade e descrença. Devido à vulnerabilidade externa da moeda japonesa, a guerra comercial entre EUA e China é razão de grande pressão para administração Abe.

## Os significados de uma passagem

Philippe Alexandre

No último dia 17 de novembro de 2019, um movimento da Marinha chinesa esquentou as já complicadas relações entre a China continental e Taiwan, além de ter levantado críticas dos governos dos Estados Unidos e do Japão. O primeiro porta-aviões construído na China transitou pelo estreito de Taiwan, missão denunciada por Taipei como uma interferência na política doméstica da ilha.

O Ministério da Defesa de Taiwan afirmou que um grupo de navios chineses, liderados pelo navio-aeródromo chinês *Type 001A* (o nome ainda não foi definido), lançado em abril de 2017, atravessou o estreito, acompanhado de perto por navios dos EUA e Japão. No dia seguinte, em um comunicado, a Marinha chinesa afirmou que o NAe atravessou o estreito em direção ao Mar do Sul da China para a realização de “testes científicos e exercícios de rotina”. Segundo o comunicado, esses testes fazem parte do processo normal de construção da embarcação.

Este acontecimento evidencia três elementos da atual conjuntura da geopolítica chinesa. Primeiro, o desenvolvimento das capacidades navais da China. O porta-aviões em questão, começou os testes ainda no ano passado a partir de sua base, na cidade portuária de Dalian

(onde fora construído), e se prevê que entre em serviço em 2020. Este é o segundo porta-aviões da China, que se insere num contexto maior de reformas e modernizações da Marinha do país, em direção a uma “Marinha de águas azuis”. O segundo elemento é a relação com Taiwan: a passagem do porta-aviões no estreito deu-se logo depois que a presidente da ilha, Tsai Ing-wen, havia nomeado como seu vice de chapa, para as eleições de janeiro de 2020, um ex-primeiro-ministro que declarou apoio à independência de Taiwan, num contexto de protesto em Hong Kong. Pequim reiteradamente afirma a possibilidade do uso da força caso a ilha emancipe-se.

O terceiro elemento refere-se às relações com os demais países no contexto do Mar do Sul da China, principalmente com os EUA, que nega as reivindicações chinesas sob as ilhas artificiais, realiza as chamadas *Freedom of Navigation Operations*, vende equipamentos militares para o governo de Taiwan e vem criticando as influências de Pequim nos protestos em Hong Kong.

A região da Ásia-Pacífico é relevante porque é geograficamente próxima de algumas potências e é passagem para metade do comércio marítimo global. Dada a maior projeção da China, com expansão e presença militar, as tensões na região devem se manter altas.

## Encontro Modi-Xi e a geopolítica do terceiro polo

*Rebeca Leite*

Nos dias 11 e 12 de outubro de 2019, ocorreu um encontro informal entre o primeiro-ministro indiano, Narendra Modi, e o presidente chinês, Xi Jinping. Os líderes se reuniram em Mamallapuram, na Índia, com o intuito de amenizar a relação tão desgastada pelas divergências no cenário geopolítico regional. Contudo, apesar da tentativa de engajamento, a desconfiança mútua foi predominante e os resultados práticos são superficiais.

Índia e China estão historicamente em lados opostos no tabuleiro regional. Da disputa na fronteira sino-indiana à presença chinesa no Sri Lanka, Nepal, Bangladesh, Maldivas e no Indo-Pacífico, além de a China ser a maior parceira do rival Paquistão. Assim, são evidentes os limites do diálogo bilateral. Ademais, devido à pressão populacional e à urbanização em ambos os países, outro campo de disputa tem se revigorado: a disputa por recursos hídricos no Tibete. O Platô Tibetano representa 14,5% das geleiras do mundo e é conhecido como o “terceiro polo”, por ser o espaço com maior quantidade de geleiras depois do Ártico e da Antártica. As geleiras do terceiro polo dão origem aos principais rios transnacionais asiáticos, como o Rio Indo e o Rio Brahmaputra. Ambos fluem para o território indiano.

As províncias do norte da Índia são profundamente dependentes dos rios que nascem no Tibete, principalmente para a atividade agrícola, que representa 55% da população economicamente ativa e corresponde a cerca de 17% do PIB indiano. Atualmente, o país enfrenta um alto nível de estresse hídrico, fato que tende a aumentar, sobretudo devido às estimativas de se tornar o país mais populoso do mundo.

O Rio Brahmaputra, principal razão de litígio nesse contexto, constitui 44% do potencial hidrelétrico total da Índia. As iniciativas chinesas de construção de barragens e canais sinaliza alerta para Nova Déli, uma vez que essas estruturas aumentam o controle de Pequim sobre os rios transnacionais, o que gera um jogo geopolítico bastante sensível.

Assim, o encontro em Mamallapuram ficou sob a névoa dos problemas estruturais entre Índia e China, demonstrando mais simbolismo do que resultado efetivo. Ademais, a geopolítica da água se revela cada vez mais presente no continente, sendo mais uma variável de dissenso na relação sino-indiana. Espera-se que a segurança hídrica se apresentará como o principal foco de conflito no continente à medida que seja tratada sob o viés político-estratégico.



## 14º East Asia Summit: EUA permanece distante e países asiáticos estreitam seus laços

Matheus Bruno Pereira

No dia 04 de novembro de 2019, foi sediado em Bangkok, Tailândia, a 14º *East Asian Forum*, que contou com a presença dos 10 membros da Associação de Países do Sudeste Asiático (ASEAN) além de outros países da região: China, Japão, Coreia do Sul, Austrália, Nova Zelândia, Índia e Estados Unidos. O evento, que contou com diversas reuniões oficiais e paralelas, ocorre uma vez ao ano, tendo a ASEAN como organizadora do evento.

Para esse ano, contudo, quem esperava um foco voltado para os embates entre a China e os EUA se decepcionou. Em realidade, a ausência deste último de uma forma mais assertiva no evento colocou uma dúvida quanto os planos dos EUA para a região. O presidente estadunidense, Donald Trump, não compareceu ao evento, enviando Robert C. O'Brian, conselheiro de Segurança Nacional, o que foi mal visto pelos anfitriões, se considerado as seguidas convocações de autoridades de menor escalão para o evento.

Em sua reunião com autoridades dos demais países, O'Brian chegou a reforçar a importância da manutenção da liberdade de navegação na região do Mar do Sul da

China, tendo sido apoiado pelo Vietnã, sobretudo em virtude do último episódio do navio geológico chinês que navegou em águas vietnamitas neste ano ([Boletim 98](#)). Inclusive, Pequim foi acusada pelo estadunidense de impedir que os países da região pudessem usufruir efetivamente dos recursos naturais ali localizado, fazendo uma referência aos poços de petróleo e gás natural que estimam existir na região das ilhas Spratly.

Mas o que tomou os olhares foi o esforço realizado pelos países asiáticos e da Oceania em formalizarem o primeiro passo para a criação do *Regional Comprehensive Economic Partnership*, que resultaria em um acordo de livre comércio para a região da Ásia e Pacífico, compreendendo a ASEAN, China, Japão, Coreia do Sul, Nova Zelândia, Oceania e Índia. Se firmado, o acordo poderá abranger uma população de mais de 3 bilhões de pessoas, e mais de 40% do PIB mundial. Um acordo multilateral desse faria dele não só o maior do mundo, como também poderia favorecer a China frente a guerra comercial com os EUA, que está de fora da participação do mesmo.

## ÁRTICO & ANTÁRTICA

### Maior operação submarina russa desde a Guerra Fria desafia a OTAN no Ártico

Raphaella Costa

No final do mês de agosto de 2019, as forças militares russas realizaram alguns testes, dentre eles com um míssil balístico *Bulava* desde a cidade russa de Arkhangelsk, próxima ao Mar de Barents, em direção à península de Kamchatka no extremo oposto do país e vizinha ao Alasca ([Boletim 103](#)). Concomitantemente, a inteligência militar norueguesa divulgou o exercício russo na península de Kola, situada no extremo norte do país e fronteira com a Finlândia e Noruega. No entanto, não se trata de uma ação isolada.

Nos últimos dois meses, o Atlântico Norte recebeu a presença de dez submarinos russos, sendo dois deles de propulsão nuclear. Segundo o veículo de notícias *NRK* da Noruega, o objetivo da força submarina eslava é defender suas bases no entorno estratégico do Ártico e desafiar o poderio estadunidense na região ao demonstrar a sua capacidade bélica. A operação ocorreu após o Reino Unido ter recebido nove aeronaves integrantes da patrulha marítima — *Poseidon-8A*, fabricados nos

Estados Unidos da América, cuja atividade prevista para 2020 visa o monitoramento da crescente atividade marítima russa no Ártico. Apesar de não ter havido pronunciamento oficial sobre a operação, o Ministério da Defesa da Federação Russa comunicou, em 26 de outubro de 2019, o lançamento da missão de submarinos de propulsão nuclear, o *B-534 Nizhny Novgorod* e o *B-336 Pskov*, pertencentes à classe *II Sierra* da Esquadra Norte do país, tendo sido estes lançados à profundidades máximas e realizado testes com novos armamentos.

Além disso, a Rússia expressou preocupação com os esforços noruegueses em uma participação ativa na implementação dos planos da OTAN a fim de aumentar a presença da Aliança na região ártica. Considerada a maior operação militar russa em termos de recursos investidos desde a Guerra Fria, originando uma tensão a partir da necessidade de Estados membros do Tratado do Atlântico Norte, as quais vêm realizando missões de vigilância aéreas e terrestres. Ainda como forma de »

tensionar as relações árticas, a presença de submarinos russos particularmente na passagem GIRU (Groenlândia-Islândia-Reino Unido), essencial para a comunicação

entre América do Norte e Europa, tem proporcionado o acirramento das relações entre países da região, em um momento de crescente presença estadunidense no Ártico.



## TEMAS ESPECIAIS

### Fronteiras no Ciberespaço: soberania cibernética à lá Rússia?

No dia 01 de novembro do corrente ano, entrou em vigor na Rússia uma lei que explicita seus planos para se desconectar da Internet global e consolidar sua rede nacional com mecanismos de controle, acesso e filtragem próprios: a *RUnet*. Seu objetivo é criar uma arquitetura técnica semelhante a da Internet que permita a criação, controle e armazenamento de conteúdo dentro do território nacional. O grande risco é que isso resulte na fragmentação da Internet global.

Desde 2014 o país tem realizado testes para avaliar a resiliência da rede nacional ainda em formação. Ao passo que a Rússia argumenta que tal desligamento previne a exposição do país a ameaças externas (sanções/ataques externos), acadêmicos americanos apontam que a lei é uma medida reativa ao fortalecimento da musculatura política dos EUA em cibersegurança, logo após a interferência russa nas eleições estadunidenses em 2016. A estratégia de cibersegurança dos EUA, lançada em 2018, consolida um posicionamento mais assertivo da potência cibernética em responder ativamente a supostos ataques. Já a estratégia nacional russa responde em igual assertividade, estabelecendo tropas de operações de informação dentro do Exército (similar a um Comando cibernético).

A Lei é uma tentativa de estabelecer ‘fronteiras’ para

a rede global. Isso também não é algo novo. Em junho, o Irã anunciou a criação de sua rede nacional para diminuir a dependência do seu país nos fluxos de informação internacionais. A “soberanização” da Internet passa por argumentos de crescimento econômico nacional, maior resiliência a ameaças externas e maior controle sobre informação, dados e conteúdo doméstico. Essa divisão é preocupante, pois facilita a capacidade desses países de engajar em operações de influência e guerra informacional, enquanto mantêm seu espaço doméstico controlado de qualquer atividade estrangeira.

Ao passo que as tensões e ataques entre EUA e Rússia aumentam no ciberespaço, é preciso compreender que soberania cibernética é mais complexa do que uma dicotomia entre os EUA e países autoritários. Historicamente, diferentes países já se alinharam para resistir ao poder relativo dos EUA. Nos anos 1970, os países não-alinhados se juntaram à China e Rússia para fazer frente aos EUA – incluindo o Brasil – no seu domínio da Internet global. O avanço da discussão sobre soberania no ciberespaço precisa considerar essas nuances e diferentes formas de resistência para assim poder identificar potenciais alinhamentos caso as tensões geopolíticas entre EUA e Rússia se acirrem.

## Os reflexos no comércio marítimo global das tensões comerciais entre EUA e China

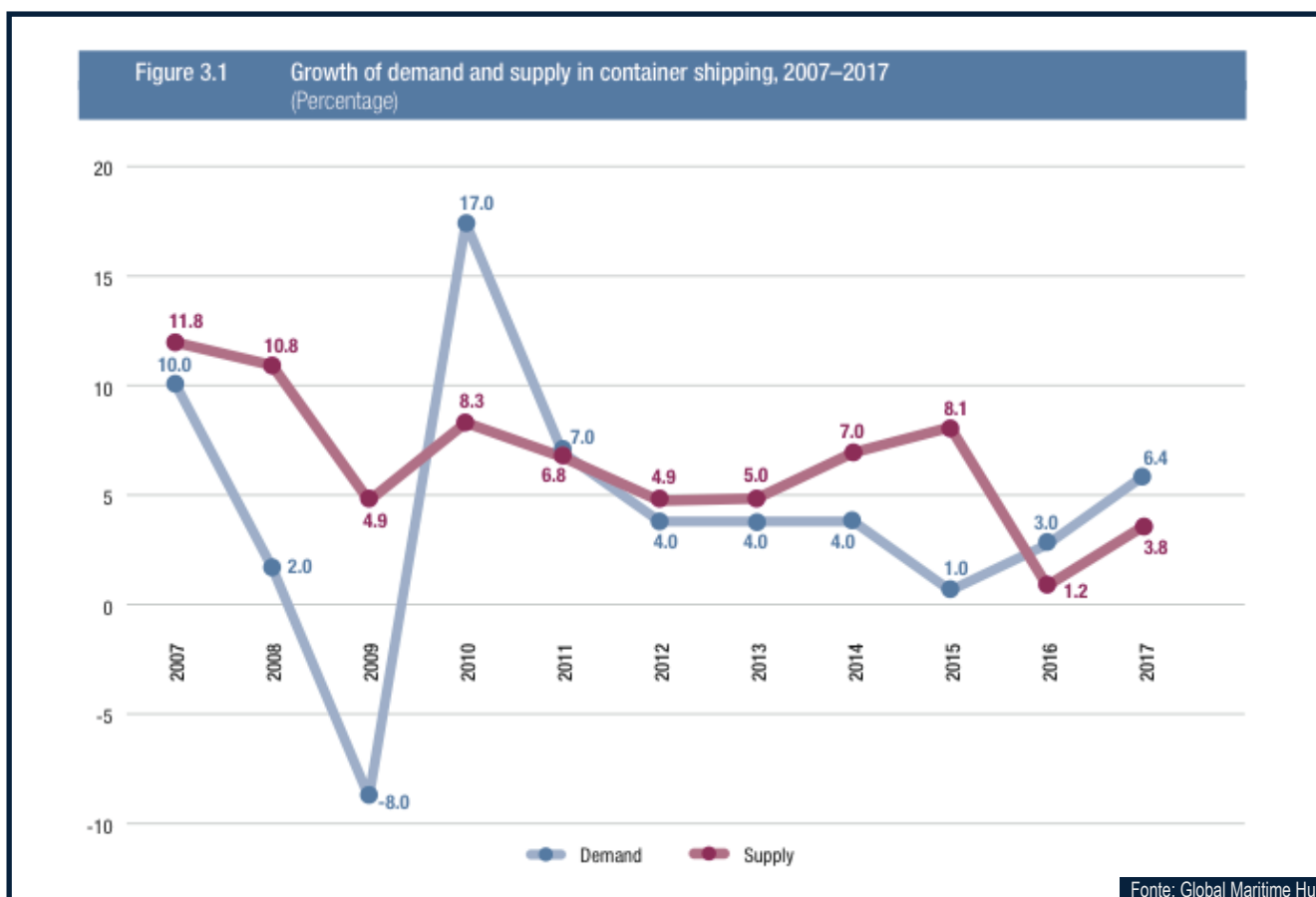
Alessandra Brito

No dia 01 de novembro de 2019, a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD, em inglês) publicou a revisão do transporte marítimo em 2019. De acordo com o mesmo, o comércio marítimo mundial perdeu força em 2018 com o aumento das incertezas e tensões comerciais entre Estados Unidos e China. Estas se arrastam desde 2017 com as tarifas que os EUA impuseram sobre os produtos chineses e denúncias contra práticas de comércio chinesas. Este cenário vai muito além da atual guerra comercial, e está relacionado diretamente a uma disputa pela hegemonia global.

O governo de Donald Trump vem aumentando a política de unilateralismo e isolacionismo, o que gera uma instabilidade e traz grandes consequências para o comércio marítimo. A guerra comercial EUA-China reformulou os fluxos marítimos globais, com estimativa que o comércio de mercadorias entre as duas maiores economias do mundo tenha caído 15%, de acordo com o relatório da UNCTAD. O volume do setor cresceu apenas 2,7% no ano passado, abaixo das médias de crescimento históricas de 3% e 4,1% registradas em 2017 e 2016. Além disso, a queda no crescimento do

comércio marítimo é resultado de outras tendências como a desaceleração econômica global, em 2018, com a turbulência geopolítica, recessões em alguns mercados emergentes e um Brexit sem acordo, que causou ondas nos mercados globais. Ao mesmo tempo, o mercado marítimo também se prepara para um aumento esperado nos custos de combustível de navios decorrentes da regulamentação da IMO 2020 a respeito da redução do teor de enxofre.

A UNCTAD espera que o comércio marítimo internacional se expanda a uma taxa média anual de crescimento de 3,4% no período 2019-2024, conduzida principalmente pelo crescimento de cargas contêineres, a granel e a gás. O setor de transporte marítimo também está otimista com a expansão do setor de gás natural liquefeito (GNL), resultado da pressão intensificada para promover fontes de energia mais limpas. Os navios graneleiros, petroleiros e porta-contêineres registraram o nível mais alto de entregas, com os navios GNL registrando a maior taxa de crescimento em 7,25%. No entanto, o ambiente de incerteza global, em especial a relação entre China e EUA, continua sendo preocupante para o transporte marítimo.



- ▶ [Donald Trump's America Can't Fight Xi Jinping's China](#)  
FOREIGN POLICY, James Palmer
- ▶ [Retos políticos de la OTAN en su 70º aniversario](#)  
REAL INSTITUTO ELCANO, Miguel Aguirre de Cárcer
- ▶ [The Growing Threat of Water Wars](#)  
PROJECT SYNDICATE, Jayati Ghosh
- ▶ [Why the Koreans Won't Achieve Peace as Long As Kim Jong Un Is in Power](#)  
CARNEGIE, Chung Min Lee
- ▶ [Arctic Yearbook 2019 - Redefining Arctic Security](#)  
ARCTIC PORTAL
- ▶ [While we're all focused on impeachment, Trump is upending U.S. foreign policy](#)  
THE WASHINGTON POST, Fareed Zakaria
- ▶ [Former 4-Star Fleet Commanders: Don't give up on carriers](#)  
DEFENSE NEWS, Robert J. Natter e Samuel J. Locklear
- ▶ [The Pressure on China](#)  
GEOPOLITICAL FUTURES, George Friedman

## CALENDÁRIO GEOCORRENTE

### DEZEMBRO

**03-04** Cúpula da OTAN, em Londres

**05** Cúpula dos Chefes de Estado do Mercosul e Estados Associados, no Brasil

**10** Alberto Fernandez assume Presidência da Argentina

**12** Eleições na Argélia

**12** Eleições parlamentares no Reino Unido

**12-13** Cúpula do Conselho Europeu

- **Cenário de crise boliviana: reorientações na política internacional regional**

[Bolívia bajo tensión máxima tras rebelión de policías que se extiende por el país](#). Bío Bío Chile, 09 nov. de 2019. Acesso em: 09 nov. 2019.

MIRANDA, Boris. [Crisis en Bolivia: el gobierno interino y la Fiscalía General del Estado activan juicios contra Evo Morales por terrorismo y sedición](#). BBC News Mundo, 22 nov. de 2019. Acesso em: 23 nov. 2019.

- **Base militar Palmerola: o principal motivo do apoio norte-americano ao governo de JOH**

[Brother of Honduras president found guilty in vast drug conspiracy case](#). The Guardian, 18 de out. de 2019. Acesso em: 22 de nov. de 2019.

[Soto Cano Air Base](#). Military Bases.US. Acesso em: 22 de nov. de 2019.

- **Impasse investidor-Estado pode sufocar as finanças e os projetos energéticos na Nigéria**

ADEBULU, Taiwo. [Nigeria risks \\$2.3bn fine as Mambilla power Project faces crisis](#). The Cable, 28 dez. de 2018. Acesso em: 21 nov. 2019.

AKANMIDU, Oludara. [How Nigeria got hit with a \\$9.6 billion gas deal judgment debt in a UK court](#). Quartz Africa, 17 set. de 2019. Acesso em: 21 nov. 2019.

- **A OTAN, a China e o duelo pela África**

OTAN. [NATO-African Union plan closer collaboration](#). 5 nov. 2019. Acesso em: 19 nov. 2019.

OTAN. [Cooperation with the African Union](#). 13 nov 2019. Acesso em: 19 nov. 2019.

- **A queda de braço pelo Nord Stream II**

FRANCIS, Diane. [Three months left to kill Nord Stream 2](#). Atlantic Council, 20 nov. 2019. Acesso em: 23 nov. 2019.

SHIRYAEVSKAYA, Anna; KHRENNIKOVA, Dina. [Why the world worries about Russia's natural gas pipeline](#). Bloomberg, 31 out. 2019. Acesso em: 09 nov. 2019.

- **Apreensões de embarcações no Mar Vermelho e a guerra civil no Iêmen**

[Yemen's Houthis release captured South Korean, Saudi vessels](#). Al Jazeera, 20 nov. 2019. Acesso em: 21 nov. 2019.

REIMANN, Jakob. [Ministry Declares Health Emergency in Yemen: Malaria and Dengue Fever on the Rise](#). Foreign Policy, 15 nov. 2019. Acesso em: 21 nov. 2019.

- **Escalada de tensão e presença russa na Líbia levanta preocupação dos EUA**

WARFALLI, al-A. [East libyan forces target munitions in Misrata with air strikes](#). Reuters, 19 nov. 2019. Acesso em: 22 nov. 2019

DETSCH, J. [Congress moves to sanction Russians for mercenary surge in Libya](#). Al-Monitor, 18 nov. 2019. Acesso em: 22 nov. 2019.

- **Fórum Econômico Rússia-África: aprofundando relações**

FOY, Henry. [Russia turns on the charm at first Africa summit](#). Financial Times, 24 out. de 2019. Acesso em 24 out. 2019.

[Russia Africa summit: What's behind Moscow's push into the continent?](#). BBC News, 23 out. de 2019. Acesso em 24 out. 2019.

- **Economia e Defesa na administração de Shinzo Abe**

[Izumo upgrade and planned space unit to further boost Japanese Defense Ministry budget](#). Japan Times, 19 nov. 2019. Acesso em: 19 nov. 2019.

PESEK, William. [Abe lacks enduring success as Japan's longest-serving prime minister](#). Nikkei Asia Review, 18 nov. 2019. Acesso em: 18 nov. 2019.

- **Os significados de uma passagem**

ZHENG, Sara. [Chinese aircraft carrier heads through Taiwan Strait on way to trials in South China Sea](#). South China Morning Post, 18 nov. 2019. Acesso em: 20 nov. 2019.

[China says aircraft carrier on way to South China Sea after Taiwan passage](#). Reuters, 18 nov. 2019. Acesso em: 20 nov. 2019.

- **Encontro Modi-Xi e a geopolítica do terceiro polo**

CHELLANEY, Brahma. [China is weaponizing water and worsening droughts in Asia](#). Nikkei Asian Review, 28 out. 2019. Acesso em: 05 nov. 2019.

GETTLEMAN, Jeffrey. [They Run the World's Biggest Countries. Their Talk Won't Be Easy](#). The New York Times, 11 out. 2019. Acesso em: 05 nov. 2019.

- **14º East Asia Summit: EUA permanece distante e países asiáticos estreitam seus laços**

FREEMAN, Joe. [ASEAN leaders snub US meeting after Trump skips ASEAN summit](#). The Jakarta Post, 4 nov. 2019. Acesso em: 08 nov. 2019.

CHANG, Jun Yan. [Is Donald Trump's administration ceding Southeast Asia to an ever-aggressive China?](#). South China Morning Post, 9 nov. 2019. Acesso em: 10 nov. 2019.

- **Maior operação submarina russa desde a Guerra Fria desafia a OTAN no Ártico**

LUHN, Alec. [Russian submarines power into north Atlantic in biggest manoeuvre since Cold War](#). The Telegraph, 30 out. 2019. Acesso em: 01 nov. 2019.

STRAND. Tormod. [Hemmelig ubåt-operasjon: «Målet er å vise at Russland kan nå USA](#). NRK, 29 out. 2019. Acesso em: 01 nov. 2019.

- **Fronteiras no Ciberespaço: soberania cibernética à lá Rússia?**

SHERMAN, J.. [Russia and Iran Plan to Fundamentally Isolate the Internet](#). Wired, 06 jun. 2019. Acesso em: 09 nov. 2019.

MORGUS, R. e SHERMAN, J.. [Analysis: Russia's Plan for a National Internet](#). New America, 19 fev. 2019. Acesso em: 09 nov. 2019.

- **Os reflexos no comércio marítimo global das tensões comerciais entre EUA e China**

[Global Maritime Trade suffers amid US-CHINA trade tensions and uncertainty. Major UN report says](#). GCapitan, 04 nov. 2019. Acesso em: 21 nov. 2019.

[Comércio Marítimo deve ter crescimento anual de 3,4% até 2024](#). O Petróleo, 30 out. 2019. Acesso em: 21 nov. 2019.